

SEXTA-FEIRA

27
MARÇO
1936

Alma Popular

Jornal republicano, literário e noticioso, defensor dos interesses do concelho d'Oliveira do Bairro e da região bairrada. :==: radina :==:

Propriedade da Empresa da «ALMA POPULAR»

FUNDADORES E DIRECTORES

Redacção, Administração e Tipografia

Editor — Mário d'Oliveira da Silva Briosa

Dr. Manuel dos Santos Pato
Tiago A. Ribeiro

OLIVEIRA DO BAIRRO

A Primavera

Começou no domingo a estação da Primavera. O calendário, indiferente ao proceder dos elementos, anunciou-nos no dia 22 de Março a entrada da quadra mais linda do ano. Mas a Natureza, fazendo causa comum com todas as solenidades astronómicas, sem carinho pelo viço do arvoredo e pâmpanos; sem piedade pelo encantador desabrochar das flores; sem ternura para com as avezinhas e sem ouvidos pelos queixumes do homem, despejou fortes rajadas de saraiva, granizo, metralha infernal contra a vida sempre desejada das plantas, dos passarinhos e de todos os seres vivos. O vento, arma terrível, fez estremecer duramente os centenares de variedades de plantas já adoentadas, velhinhas, pelo fustigar constante da chuva.

A Primavera, que outrora era tão cantada pelos poetas, musicada pelo gorgoejo das avezinhas, saudada pela luz brilhante do sol, perfumada pelo cheiro alacre das rosas, apareceu, entrou este ano, como dissemos, com todas as solenidades astronómicas — chuva, vento e trovada, trilogia indesejável, cortejo de fome e de miséria!

Todavia, temos esperança de que a mãe Natureza irá reunir com os grandes e admiráveis diplomatas aliados — astros, devendo, talvez, chegar a um acôrdo para que a Beleza e o Perfume, filhos do Sol, voltem a marcar na Terra, digna como o Homem, de melhor sorte! A Primavera... A Primavera!

Tito.

Novo Governador Civil

Foi nomeado Governador Civil deste distrito o sr. dr. Alfredo Pires, que exercia o lugar de distribuidor geral do Tribunal Civil do Porto.



Relógios de bolso, parede e despertadores, estojos para brincadeiras, etc., vendem-se na Relojoaria Neves.



A Recompensa do Trabalho

Há dois problemas que, em Portugal, merecem um estudo atento: o problema do trabalho e o da sua justa remuneração. O inlavor forçado — quando exista em larga escala — constitui um motivo de permanente inquietação e mal-estar. Mas o pagamento de salários ou ordenados diminutos, representa sempre um acto gerador de desasossegado.

Quem paga mal não pode exigir o integral cumprimento do dever: tem, muitas vezes, de se curvar perante actos consumados ou de manifesta indisciplina. Algumas profissões compensam bem o esforço nelas dispendido; mas outras há onde não acontece a mesma coisa. Quem trabalha exaustiva e honradamente durante um mês, e ao fim dele não recebe o suficiente para viver de harmonia com a sua posição, ficará desmoralizado e não sentirá vontade para se aperfeiçoar nem produzir o máximo. E' este facto que justifica o pouco interesse de muitos empregados pelos serviços das empresas onde estão colocados.

Num ambiente destes não é fácil alimentar o culto sincero e entusiasta pelo trabalho, porque ninguém trabalha por «amor á arte», mas, sim, para viver dignamente. O conhecido ditado — *madrugada e verás; trabalha e terás*; — nem sempre

corresponde a uma realidade. E' certo que um outro provérbio aconselha: *mais quero estar trabalhando que chorando*. Mas o verdadeiro estímulo do trabalho é a recompensa. O homem não vive só de pão — como afirmava Jesus —, mas não pode passar sem êle. Não há optimismo capaz de resistir ás dificuldades económicas. Se o pagar de mais é reprovável, o pagar de menos é indigno. Quem não trabalha porque não quer, está bem que lhe sofra as conseqüências.

Mas aqueles que produzem e que cumprem o seu dever merecem ser justamente remunerados. Fazer o contrário equivale a provocar o relaxamento dos costumes.

Os antigos diziam: *primeiro viver, depois filosofar*. Só quando o cidadão tem garantidas as condições primárias da vida, dentro de um nível razoável e civilizado, é que pode, realmente, gozar a existência, compreendê-la e integrarse perfeitamente no meio social, de que é um elemento fecundo. Só então é que se lhe podem exigir responsabilidades profissionais, morais e sociais.

Era com boa razão que o impagável e arguto Fradique Mendes afirmava, parafraseando, com felicidade, um velho provérbio lusitano: «à hora das comidas mais vale um pataco na mão que duas filosofias a voar».

MÁRIO GONÇALVES VIANA.

Expediente

Pedimos aos nossos assinantes a fineza de nos avisarem, num simples postal, sempre que mudarem de residência, a fim de não sofrerem interrupção na remessa do nosso jornal.

Igualmente pedimos aos nossos amigos que nos participem alguns acontecimentos, dignos de registo, ocorridos nas suas terras.

Carta DE AVEIRO

23 de Março de 1936

No dealbar destas manhãs turvas pelas nuvens pezadas que embaciam o ambiente, sentimos nos arvoredos, que contornam a nossa casa, o cantar primaveril das avezinhas, como se fôssem já manhãs esplendentes de luz e sol. E, no entanto, o vento faz ramalhar a incipiente ramaria e deita ao chão as pétalas das flores das árvores frutíferas, o frio ainda nos obriga a trazer as mãos na quentura dos bolsos ou das luvas e a chuva rufa nas vidraças e alaga as ruas como no inverno.

Não há meio de o tempo levantar. No edificio da Capitania do Porto o camaroeiro, reforçado, indica que o temporal continuará a causticar-nos sem piedade, como se a Natureza andasse revoltada contra nós.

Propicia-se um mau ano agrícola e vitícola. Por este tempo, em anos idos, as terras estavam já viradas e o milho abicava na terra; os pâmpanos desenvolviam á carícia do sol, e o lavrador, como o viticultor, preparava-se para o primeiro sacho, como para o primeiro tratamento preventivo ás suas cepas.

Tem feito o giro da cidade o alarme de que andam gatunos no povoado. Há queixas de falta de galinhas e de coelhos e até — esta mais gorda — se falou ai duma audaciosa tentativa de roubo numa casa comercial cá da terra. Mas afinal isso foi boato malévolo, que não deixou no entanto de pôr em sobresalto os mais timoratos.

A feira de madeira, de S. José, aqui realizada no dia 19, foi um pálido reflexo das velhas feiras de madeira, em que se viam pezadas as ruas do Cais e das Barcas. Tudo vai decaindo.

E a Feira de Março, este ano, o que será? Pelo que

ECOS

O MAU TEMPO

DEVIDO à rigorosíssima inverno, o ano agrícola apresenta os piores sintomas.

Há mesmo já grandes prejuizos, especialmente na cultura da batata que, nesta região, se faz em alta escala. As plantações feitas, e onde se gastaram centenares de contos em adubos, semente e trabalho, podem considerar-se totalmente perdidas.

As sementeiras de trigo, cevada, aveia, etc., também se acham, em grande parte, inutilizadas.

E, nas vinhas e pomares, o aspecto é igualmente desolador.

Enfim, um ano de fome, em perspectiva, de que todos sofrerão as conseqüências, principalmente as classes menos abastadas.

VINHO E CAFÉ

CONTA o diário República, de Lisboa: — Em Torredonjimeno, aldeia espanhola, vive uma velha, já com cento e sete anos e que ainda está forte, rija e fresca.

Um jornalista dirigiu-lhe, há dias, a inevitável pergunta:

— Que faz para viver tanto?

E ela, com a maior simplicidade deste mundo:

— Não sei. Como bem e bebo bem... menos água. De água é que não gosto.

— E vinho? E café?

— Ah! Isso, sim. Vinho a todas as refeições e muito café durante o dia. Muito café.

Contudo, tem 107 anos e está capaz de viver ainda muito mais.

Casa de negócio

Situada no ponto mais central da vila, trespassa-se ou arrenda-se. Tratar na mesma com o seu proprietário Francisco da Costa Teixeira—Oliveira do Bairro.

Há uma grande analogia entre a ama que dá o leite, e o professor que dá o seu pensamento. Algumas vezes o professor é mais pai que o próprio pai; do mesmo modo que a mulher que dá o seu leite, a um pequeno ser estranho é mais mãe que a mãe que trouxe o filho no ventre.

VICTOR HUGO.

HORAS LIRICAS

COM A IDADE ...

Segundo e epigrama espanhol
de Sabino Barroso

I

Aos quinze, de si propria envaidecida,
Pensa a donzela,
Deitando contas ao amor e à vida:
— Solteira certamente que não fico.
Hei-de encontrar, pôsto que sou tão bela,
Um noivo, môço e bom, bonito e rico.

II

Aos vinte, nessa ideia sempre absorta,
Já exigências corta,
E diz, ansiosa, tendo em fogo o peito:
— Se não fôr belo e rico, pouco importa.
Em sendo bom e sendo novo... aceito.

III

Aos vinte e cinco, de paixão suspira.
Velhos e novos com ternura mira
Sem sombra de desdem:
— A idade é coisa que não põe nem tira.
Em sendo bom... já ficarei de bem.

IV

E então aos trinta, quando a idade vem
Caminho do sol-pôr,
Tão boa boca já ninguém a tem:
— Enfim... Enfim... Que seja como fôr,
Desde que seja alguém!

RIBEIRO DE CARVALHO.

vemos, a concorrência dos feirantes é diminuta.

Muito se vai falando da extinção desta feira. Dizem uns que as barracas que ora ainda aí se exibem são velhas—e é certíssimo—e deslegantes, e que a Câmara devia tomar a iniciativa de fazer um abarracamento estético, acabando com a sua arrematação, e dando algumas garantias aos concorrentes, como algumas câmaras tem feito, chamando assim maior número de expositores e dando maior concorrência e vida à cidade. Mas quem se aventura agora a gastar dinheiro em madeiras e trabalho, já-mais uma Câmara com escasos recursos financeiros? Enfim: querer é poder e, com alguma boa vontade, muito se poderia fazer.

— Faleceu aqui a mãe do sr. Ricardo Mendes da Costa, considerado industrial de serralharia, a quem apresentamos os nossos pêsames, bem como a toda a família enlutada.

— No dia 19 passou mais um aniversário da criação da velha Sociedade Recreio Artístico, desta cidade, sendo o acto solenizado entre alguns sócios.

— Foi exonerado do cargo de Governador Civil d'êste distrito o major de infantaria, sr. Gaspar Ferreira.

— Abre depois de amanhã a Feira de Março.

— Morreu esta madrugada, na sua casa da rua José Estêvão, o sr. Manuel Barreiros de Macedo. O seu funeral, que hoje se realizou, foi civil, nele se incorporando grande número dos seus amigos e admiradores, a pé e em automóveis. O tempo chuvoso que fazia, não permitiu que o seu enterro tivesse maior acompanhamento. Da-

qui endereçamos a toda a família o nosso cartão de condolências.

— O tempo continua tempestuoso, chovendo copiosamente. O rio mais uma vez—a terceira d'êste ano—saiu do seu leito, inundando a rua João Mendonça e algumas ruas perto do mercado do peixe. E o camaroeiro da Capitania, a precaver-nos contra o temporal, lá continua içado.

— Estão sendo colocadas, em determinados sítios da cidade, grandes placas indicadoras de terras e sua quilometragem, para elucidação dos motoristas.

C.

Já não vê bem? Necessita d'óculos? Procure na secção de optica da Ourivezaria Vilar, em Aveiro, rua de José Estêvão, em frente ao Banco de Portugal.

Tem todas as dióptricas que precise.

DESASTRE

Severiano Francisco Fontes, soldado de Cavalaria n.º 8, obteve licença para passar o último domingo com sua família, na Barreira de Bustos. Segunda-feira, de manhã, dirigia-se, em bicicleta, para o quartel, em Aveiro, mas na descida do Coimbrão, próximo de Arada, a formigalha da máquina partiu-se e o pobre rapaz caiu tão desastrosamente que ficou sem sentidos e com graves ferimentos na cabeça.

Foi conduzido ao hospital, onde se encontra em estado que inspira cuidados.

VITICULTURA

Um decreto sobre uvas de mēsa

Artigo 1.º—E' permitida a plantação de bacēlos destinados à produção de uvas de mēsa, mediante autorização da Direcção Geral dos Serviços Agrícolas e sob as condições seguintes: a) de os terrenos serem próprios para essa cultura e favoráveis às condições climatéricas da região; b) de a enxertia se efectuar com as castas que forem indicadas pela Direcção Geral dos Serviços Agrícolas.

Art. 2.º— Os agricultores que obtiverem a autorização de plantio ficam obrigados a subordinar os trabalhos de plantação e de cultura a esquemas e instruções elaborados pela Direcção Geral dos Serviços Agrícolas e a ceder a êste organismo garfos das videiras em exploração.

Art. 3.º— A Direcção Geral dos Serviços Agrícolas prestará assistência técnica aos agricultores que a requisitarem para o efeito do disposto neste decreto e fiscalizará a execução dos trabalhos.

Art. 4.º— Os agricultores que plantarem ou enxertarem bacēlos com infracção do disposto no presente decreto incorrem nas penalidades previstas na lei n.º 1.891, de 23 de Março de 1935 e seu regulamento, procedendo-se ao arrancamento ou destruição da enxertia nos termos da referida lei e regulamento.

Art. 5.º— Os agricultores interessados devem pôr à disposição dos técnicos o meio de transporte necessário desde a estação do caminho de ferro ou paragem de carreira mais próxima até à propriedade, para o efeito do disposto nos artigos 1.º, 2.º e 3.º d'êste decreto.

Município de Oliveira de Frades

Foi publicada na folha oficial a nova constituição heráldica da bandeira, armas e selos da Câmara Municipal de Oliveira de Frades.

Feira de Paris

No dia 16 de Maio próximo inaugura-se, em Paris, a Feira Internacional de Amostras, cujo encerramento terá lugar em 2 de Junho. Para êste grandioso certame já estão inscritos mais de 8.000 produtores, industriais e fabricantes de todo o mundo.

Para se avaliar da importância desta Feira, cujo progresso se acentua de ano para ano, basta dizer que em 1934 o número de compradores foi superior a dois milhões, tendo subido a muitos milhões o dos visitantes, provindos de todos os países.

Organizada sob um plano que se pode classificar de audacioso, nesta época de crise aguda, a Feira de Amostras que se vai inaugurar desempenha um papel importantíssimo não só na economia da França mas também no progresso industrial e comercial de todos os países. Graças ao número elevadíssimo dos expositores que representam as indústrias aperfeiçoadas ao máximo e aos milhões de visitantes que todos os anos acorrem a Paris, a Feira torna-se um formidável meio de publicidade cujas vantagens se torna desnecessário encarecer.

RECEPTORES FILIPS. Vendem-se na Relojoaria Neves.

Factos e não palavras!

A vida, hoje mais do que nunca, faz-se compreender pelas realidades, pelos factos, estando já sendo pôsto em segundo plano o palavriado prometedor e vibrante, onde só sugestões e entusiasmos de momento (geralmente logo a seguir esquecidos) eram as fugidias promessas com as quais se acalentavam os esperançados.

A vida, hoje, exige verdades e factos; verdades nas palavras claras das promessas, o contrário do palavriado nebuloso, cheio de cordelinhos e de habilidades, verdades firmes para toda a gente e factos, realidades, coisas positivas que todos possam vêr, que sejam limpidas e transparentes e lúcidas e honradas como a luz do sol!

A tragédia de há pouco, as conseqüências tristíssimas das inundações dão-nos, em êste artigo, possibilidade de demonstrar um dos aspectos da formidável acção da Federação dos Vinicultores do Centro e Sul de Portugal, que, sem uma hesitação, actuou directamente nas regiões inundadas, distribuindo gêneros de primeira necessidade aos sinistrados.

Este pormenor, este incidente, este facto, mostra co-

mo também, no campo social, á Federação dos Vinicultores está reservada uma acção dilatada e profícua.

Claro que essa acção, apañhada a Federação, como foi, de surpresa, atónita mesmo ante a enormidade da desgraça, não poude ser completa; mas marcou, com factos, e dignamente, a sua posição, ao mesmo tempo que se esclarecia a necessidade de, além de todas as suas funções, a parte social da Federação dever ser, no futuro, de largos empreendimentos e alcances.

A Federação, organismo racional da viticultura, tem que ter um duplo objectivo: o económico e o social. Ao mesmo tempo que elevar o valor dos seus agremiados, cuidando da valorização dos vinhos dentro do mercado produtor, outro facto já demonstrado pelas realidades, terá que cuidar dos trabalhadores, êsses que amanham a terra e só dela vivem.

Os acontecimentos já vieram provar que a Federação se assim o diz, melhor o faz!

São estes os factos. Verdades claras, abertas, francas e honradas! São estes os factos. Factos e não palavras!

F. G.

Beneficência

A sr.ª D. Natércia de Oliveira e o sr. António de Jesus Craveiro, professores em Bustos, pedem-nos a publicação do seguinte:

A professora da Escola Feminina de Bustos vem dar conhecimento em público, para os devidos efeitos, que recebeu, para distribuir pelas suas alunas pobres, 22 cadernos de papel e 30 lápis de pedra.

O referido material foi-lhe entregue pelo sr. Manuel Simões Aires, que o adquiriu com uma certa quantia que a Irmandade das Almas gentilmente ofereceu para as crianças pobres das escolas desta localidade.

O material acima citado foi distribuído do seguinte modo:

1 caderno de papel «Colégio», 2 cadernos de papel de 35 linhas e 3 lápis de pedra, para cada uma das seguintes alunas: Maria de Nazaré Costa, Ermelinda de Sá e Silva, Marilde Nunes Ferreira Tavares, Maria Simões Mota e Idalina da Cruz.

7 folhas de papel «Colégio» e 3 lápis de pedra, para cada uma das alunas: Ana Rosa de Sá, Cacilda da Silva, Júlia Simões Pedro, Alice da Costa Figueiredo e Guiomar Nunes.

A professora da referida escola apresenta, em nome das alunas presenteadas, os seus melhores agradecimentos à Irmandade das Almas, ao seu intermediário e a todas as pessoas que se interessam pela Escola, pela causa sagrada da Instrução.

Relação dos alunos contemplados com o material dado pela Irmandade das Almas da freguesia de Bustos, em 17-3-936:

Isaias Simões Martins, Mário Pereira da Cruz, Manuel Ferreira e Osório Nunes Espadilha, 3

ponteiros; Márcio Moreira, 3 ponteiros e 3 cadernos de papel de 35 linhas; Manuel dos Santos Pato, 2 ponteiros e 3 cadernos de papel de 35 linhas; Jesuê de Oliveira e Manuel Francisco, 2 ponteiros, 1 caderno de papel «Colégio» e 2 cadernos de papel de 35 linhas; Manuel Figueiredo, Gabriel dos Santos Pato, Duarte da Rocha Branco, Armando Francisco Caldeira e Joaquim Reis da Silva, 2 ponteiros e 2 cadernos de papel «Colégio»; Aclides de Oliveira, 3 ponteiros e 2 cadernos de papel de 35 linhas; Manuel Simões, 3 ponteiros e 3 cadernos de papel de 35 linhas; Esmael Francisco Ferreira, 4 ponteiros e 3 cadernos de papel de 35 linhas; Manuel da Silva, 4 ponteiros e 2 cadernos de papel de 35 linhas; Ilídio Moreira, António Augusto Martins, Alfredo Simões Martins, Diamantino Silvestre, Carlos Barreiro e Mário Francisco Ferreira, 3 ponteiros e 2 cadernos de papel «Colégio».

O Professor,

António de Jesus Craveiro.

Manuel da S.ª Teixeira

Em razão de ter de retirar-se muito brevemente para Africa, vem anunciar que vende ou arrenda a sua casa do Casal e terrenos anexos, tudo junto ou dividido em partes. Declara que serão preferidas as propostas para compra, se os preços convierem. Trata-se com o próprio ou com o Ex.º Sr. António Tavares de Castro.

Oliveira do Bairro, 1 de Janeiro de 1936.

Êste número foi visado pela Comissão de Censura.

Assina e propaga a «Alma Popular».

